

3

Estabelecendo os fundamentos da pesquisa

*As ideias se aperfeiçoam.
O sentido das palavras também.
O plágio é necessário.
O avanço implica-o.
Ele acerca-se estreitamente da frase
de um autor, serve-se das suas
expressões, suprime uma ideia falsa,
substitui-a pela ideia justa.*

Guy Debord

O termo *multimodalidade* vem sendo adotado para designar uma área de estudo e investigações que envolvem a produção e interpretação do significado nos diferentes modos semióticos. Os estudos realizados nessa área partem do conceito que os seres humanos utilizam diferentes modos semióticos simultaneamente para interagirem entre si e se comunicarem. Nessa visão, o ser humano pode ser considerado multimodal por natureza (Kress e van Leeuwen, 1996, 2001, 2006; Lemke, 1989, 1992, 2006; Norris, 2004; O'Halloran, 2004; Royce, 2002; Unsworth, 2000). Durante uma interação, um indivíduo pode, por exemplo, falar, gesticular, olhar, mostrar emoções e mover seu corpo com o objetivo de entender e se fazer entender. Nem todos os modos realizados são intencionais ou se referem ao mesmo evento comunicativo, porém, durante uma interação, mais de um modo é acionado para que a comunicação se realize.

Os estudos multimodais estão diretamente relacionados primeiramente à nossa relação fisiológica e biológica com o mundo que nos cerca através de nossa percepção e nossos sentidos. Pode-se depreender, então, que nós **não** operamos em isolamento, mas em conjunto e engajados de forma multimodal no mundo semiótico (Kress, in Cope e Kalantzis, [2000], 2003).

Estudos sobre modos comunicacionais como a escrita, fala, imagem e música já são realizados dentro de diversos campos de estudo como Linguística, Arte, Design e Comunicação Social sem que, no entanto, se faça necessariamente uma relação entre esses modos.

A multimodalidade, como abordagem de investigação, permite um olhar mais atento à maneira como os diversos modos comunicacionais conversam entre

si, se relacionam, produzem significados e são interpretados nos contextos sociais em que são elaborados.

Pode-se entender, assim, que numa interação estamos atentos tanto à linguagem verbal quanto à linguagem não verbal prestando atenção às escolhas linguísticas, entonação, gestual, expressão facial e vestuário de cada interlocutor, por exemplo. O contexto, ou seja, o ambiente em que a interação ocorre, é tido como fundamental. Todos esses aspectos – linguagem verbal, não verbal e contexto – estão presentes durante a interação e são tidos como responsáveis pela comunicação entre os indivíduos.¹⁶

A adoção de um olhar multimodal para a comunicação humana tem como ponto de partida a sociossemiótica elaborada por M.A.K. Halliday (1978, 1994) para o estudo da linguagem verbal, a ser discutida a seguir.

A multimodalidade parte do pressuposto de que a própria linguagem já ocorre em mais de um modo. A escrita, por exemplo, faz uso de elementos visuais gráficos – letras – que necessitam da visão para serem decodificados, enquanto a fala utiliza códigos sonoros, volume de voz e entonação, por exemplo. Nessa perspectiva, a multimodalidade parece expandir a visão de linguagem ampliando-a para “outros sistemas representacionais e outros modos comunicacionais, ou recursos semióticos, para a elaboração de significados utilizados dentro de cada cultura”¹⁷, como argumenta Jewitt (2009, p.1).

3.1

Iluminando o caminho: a sociossemiótica

A sociossemiótica é uma perspectiva de estudo do significado como uma construção social elaborada por M. A. K. Halliday (1978, 1994) para o estudo da linguagem humana escrita e oral.

Christie (2009, p.3) relata que Halliday, como linguista e professor em Cambridge e posteriormente em Edimburgo, nos anos 50 e 60, usava a linguística para explorar a “natureza da experiência social e abordar questões de igualdade e

¹⁶ Nota: Os termos *linguagem verbal* e *linguagem não verbal* são utilizados aqui para me referir ao campo de estudos aos quais esses termos são geralmente aceitos e adotados como a linguística e a comunicação intercultural. Ao me referir, no entanto, aos estudos multimodais adoto os termos *modo* ou *modo comunicacional*, que serão discutidos adiante (cf. p.63).

¹⁷ “(...) whole range of representational and communicational modes or semiotic resources for making meaning that are employed in a culture.” (Jewitt, 2009, p.1)

justiça social”¹⁸, não sendo bem compreendido pelos linguistas com tradição formalista da época. Seu engajamento em questões sociais levou-o a uma perspectiva de linguagem como um sistema utilizado pelos indivíduos para elaborar significados na sociedade. Pela concepção de Halliday, a linguagem não seria o único sistema para a produção do significado, mas um entre vários sistemas que “constituem a cultura humana”¹⁹ (Halliday e Hasan, 1989, p. 4). A linguística, portanto, seria um estudo desse sistema de significados chamado *linguagem*.

A linguagem pode ser tratada como um sistema. Enquanto sistema, a linguagem pode ser compreendida como sendo um recurso (cf. p. 58) que envolve escolhas sociossemânticas interconectadas organizadas através de três componentes funcionais chamados de metafunções, a serem discutidos mais adiante (cf. p. 51).

A linguagem também pode ser abordada enquanto instituição e assim entendida como a interação entre a estrutura social e o processo social. A perspectiva sociossemiótica da linguagem engloba essas duas abordagens de linguagem e concebe a linguagem “no contexto de cultura como um sistema semiótico”²⁰. Cultura é entendida aqui pela perspectiva de Halliday e Hasan (1989, p. 4) como sendo “um conjunto de sistemas semióticos, de sistemas de significados, interligados”²¹.

Halliday (2007, p. 41) advoga que “uma investigação da linguagem como um comportamento social não é só relevante para a compreensão da estrutura social, mas, também relevante para a compreensão da própria linguagem”²². O pesquisador argumenta que um indivíduo se torna um ser social através da interação social à qual é exposto enquanto criança, sendo a linguagem a ferramenta utilizada para mediar essa interação (Halliday, 2007).

Halliday e Hasan (1989) realçam que modos como a pintura, a dança e vestimenta, por exemplo, também constituem sistemas de significados na cultura humana.

¹⁸ “(...) to make a difference in exploring the nature of social experience and in addressing questions of equity and social justice (...)” (Christie, 2009, p. 3)

¹⁹ “(...) constitute the human culture.” (Halliday e Hasan, 1989, p. 4)

²⁰ “(...) in the context of culture as a semiotic system.” (Halliday, 2007, p. 41)

²¹ “(...) a set of semiotic systems, a set of systems of meaning, all which interrelate (...)” (Halliday e Hasan, 1989, p. 4)

²² “The investigation of language as social behaviour is not only relevant to the understanding of the social structure, it is also relevant to the understanding of language.” (Halliday, 2007, p. 41)

Pode-se ver, assim, que a perspectiva da sociossemiótica formulada por Halliday abre um caminho para a elaboração de investigações multimodais ao oferecer uma plataforma de apoio a estudos e elaborações de metodologias que envolvem os diversos recursos semióticos elaborados na sociedade.

Sintetizo, a seguir, os princípios da abordagem sistêmico-funcional desenvolvida para a linguagem verbal a partir da perspectiva sociossemiótica. A sociossemiótica e as elaborações da abordagem sistêmico-funcional junto com a multimodalidade fornecem os pilares teórico e metodológico principais adotados no presente trabalho.

A Sociossemiótica e a Abordagem Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional - ou *LSF* de agora em diante - é uma teoria de linguagem elaborada por M. A. K. Halliday (1978, 1985, 1994) que propõe que a linguagem seja analisada na função que exerce e nos significados que produz nas interações sociais, levando em consideração tanto o contexto situacional quanto o cultural em que essas interações ocorrem. De forma mais generalizada, a *LSF* visa entender por que um texto significa aquilo que significa, possibilitando-nos considerá-lo mais (ou menos) apropriado para uma determinada situação (Halliday, 1985, 1994, Halliday e Matthiessen, 2004).

A *LSF* é uma teoria comprometida com o significado realizado na sociedade, adotando a sociossemiótica como perspectiva de linguagem. Nessa visão, os signos são tidos como construções sociais elaborados nos contextos sociais de situação e de cultura em que são produzidos.

A noção de contexto de situação e de cultura é adotada na *LSF* através do argumento apresentado por Malinowski (1935, in Halliday e Hasan, 1989; Louhiala-Salminen, 1999) de que as interações entre indivíduos devem ser entendidas não só na situação e ambiente em que são produzidas – o *contexto situacional* - mas, também, na história e cultura na qual foram produzidas – *contexto cultural*. Sendo assim, a compreensão de um texto²³ produzido em uma interação deve considerar o “ambiente verbal e a situação” (Nóbrega, 2009, p. 45)

²³ Nota: *Texto* é entendido aqui como um enunciado (Bahktin, 1992), no qual organizamos nossas ideias num todo coerente para que possa ser compreendido. Para Halliday (1985, 1994), o texto apresenta uma interação linguística completa, seja ela escrita ou oral, de preferência com um começo e um fim. Nas investigações multimodais, esse conceito é estendido para qualquer modo.

em que foi produzido assim como a história e cultura que cada indivíduo traz consigo durante uma interação.

Halliday e Hasan (1989) argumentam que o texto pode ser concebido tanto como um produto quanto como um processo. Enquanto produto, ele é a materialização de um sistema de escolhas realizadas socialmente. Enquanto processo, o texto passa a ser visto como o movimento contínuo dessas escolhas semânticas realizadas pelos indivíduos dentro de um sistema que oferece potencial de significado. Nessa perspectiva, o contexto está no texto, não sendo possível a concepção de texto sem contexto, pois, como afirma Christie (2009, p. 5), “um constrói o outro”.

M. A. K. Halliday parece considerar toda teoria uma abstração e um “construto semiótico” ([1996], 2005, p.391). A abordagem de linguagem sistêmico-funcional é uma posição teórica de importância para os estudos multimodais, portanto, para minha pesquisa, por ser uma teoria compromissada com o significado vinculando-o ao seu contexto de produção. Ela permite considerar outros modos semióticos, como, por exemplo, as imagens em movimento analisadas aqui, como modos utilizados na interação e na elaboração dos significados pretendidos dentro de cada grupo social.

3.1.1

A LSF

Mais especificamente, Halliday e Matthiessen (2004, p. 20) esclarecem que a *LSF* é uma teoria para o estudo da linguagem:

- » Humana - em oposição à linguagem matemática e de computador,
- » Adulta²⁴ - pois não está comprometida com o estudo de protolínguas, ou seja, da linguagem humana no início da infância em que a criança não apresenta uma estrutura organizada gramaticalmente²⁵,

²⁴ Nota: Halliday e Matthiessen (2004, p. 20) utilizam o termo “linguagem adulta” se referindo à linguagem pós-infância, abrangendo, portanto, crianças, jovens e adultos que já possuem uma linguagem mais estruturada e elaborada em relação a sua organização de regras e uso.

²⁵ Halliday e Matthiessen (2004) e Halliday (1975) explicam que a protolíngua apresenta signos, geralmente expressos por sons ou gestos, formando dois níveis: a. o do conteúdo e b. o da expressão. A linguagem adulta, ou seja, pós-infância na opinião dos pesquisadores é mais complexa.

- » Verbal - pois não está preocupada em teorizar ou analisar outras *linguagens* como, por exemplo, imagem, música e gestos (Kress e van Leeuwen, 1996, 2006; O’Toole, 1994; van Leeuwen, 2005, 2009).

Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004) e inúmeros estudiosos e pesquisadores da LSF conhecidos como sistemicistas, ou funcionalistas, como Hasan (1996), Martin (1984, 1985, 1997), Christie (1999, 2007), Eggins (2004) e Unsworth (2000), consideram que a linguagem é:

- » **Funcional** – por apresentar uma função comunicativa nas interações. Essa função permite aos indivíduos representar suas experiências, construir relações sociais e criar mensagens coerentes através do uso que fazem da linguagem (Christie, 2009),
- » **Semântica**, pois, para ser funcional essa linguagem precisa estar comprometida com o significado (Eggins, 2004),
- » **Contextual** – pois, esses significados sofrem influência do contexto social situacional e cultural onde são produzidos,
- » **Semiótica** – porque o processo da linguagem é visto como pertencente a um dos modos semióticos, e
- » **Sistêmica** – pois, sendo a linguagem um dos diversos modos semióticos de produzir significado com fins comunicativos, ela ocorre num **sistema semiótico**. Esse **sistema** semiótico permite-nos realizar escolhas que adquirem significado quando contrapostas a outras, formando então redes ou sistemas de escolhas, realizadas conscientemente ou não, utilizados pelos indivíduos para produzir o significado desejado e negociá-lo em suas interações.

Uma das funções básicas da linguagem é “construir a experiência humana” (Halliday e Matthiessen, 2004, p. 29), nomeando as coisas, construindo categorias, elaborando sistemas gramaticais complexos que possibilitem a produção de significados e estabelecendo relações pessoais e sociais entre os indivíduos em cada grupo social, em cada contexto de situação e de cultura.

As construções serão diferentes em cada língua, pois os contextos culturais são diversos e afetam as construções realizadas de maneiras diferentes.

Com o intuito de mostrar tal “arquitetura” da linguagem (Halliday e Matthiessen, 2004, p. 31), o termo **metafunção** é proposto por Halliday (1985, 1994) com a finalidade de sugerir que o componente funcional da linguagem é parte integrante da teoria linguística.

As metafunções da linguagem

A funcionalidade da linguagem pode ser entendida através de três **metafunções** principais. As metafunções se realizam simultaneamente nos contextos em que ocorrem e permitem observar como cada indivíduo constrói seus significados durante a interação e como se dá a relação do indivíduo com os outros indivíduos e com o mundo que o rodeia.

As **metafunções** realizadas pela linguagem (Halliday, 1994; Halliday e Matthiessen, 2004; Thompson, 2004) propostas são:

a. ideacional – responsável pela maneira como o ser humano experimenta, constrói e se relaciona com o mundo tanto físico quanto mental, descrevendo eventos, os estados das coisas e o mundo interior. É a “linguagem como reflexão” e “como ação” (Halliday e Matthiessen, 2004, p. 29-30).

b. interpessoal – que reflete o modo como os indivíduos interagem, se relacionam e negociam seus papéis sociais, “influenciando comportamentos e expressando pontos de vista sobre as coisas no mundo” (Thompson, 2004, p. 30).

c. textual – responsável pela construção e organização interna do discurso, integrando os significados ideacional e interpessoal de maneira a trazer coesão e coerência ao texto elaborado por cada indivíduo durante uma interação.

A **complexidade semântica** existente na linguagem permite que os significados **ideacional**, **interpessoal** e **textual** mencionados se fundam em unidades linguísticas. A perspectiva oferecida pela *LSF* de considerarmos a linguagem como um recurso ao qual recorreremos para fazer significado nos diferentes contextos em que atuamos permite-nos considerar uma escolha linguística como sendo mais apropriada ou não a um contexto de uso.

A elaboração da *LSF* como teoria de linguagem vinculada ao significado produzido nos diferentes contextos sociais permitiu o desenvolvimento de uma gramática funcional e semântica para o estudo da linguagem verbal (Halliday,

1994; Halliday & Matthiessen, 2004) denominada **Gramática Sistêmico-Funcional** - ou *GSF* daqui em diante - que abordarei a seguir.

3.1.2

A Gramática Sistêmico-Funcional

A *GSF* é uma metodologia de análise da linguagem verbal (escrita e falada) que visa investigar as funções realizadas pela linguagem na sociedade, nos diferentes contextos de situação e de cultura. Halliday e Matthiessen (2004, p. 24) defendem que tal metodologia permite a análise das estruturas utilizadas pelos indivíduos nos textos que produzem possibilitando que se mostre “a organização funcional da estrutura [do texto], e as escolhas semânticas realizadas”²⁶ em cada contexto de produção.

Thompson ([1996], 2004) explica que o objetivo não é descrever se os indivíduos estão conscientes ou não das escolhas que fazem quando usam a linguagem para se comunicar. Ao fazer uma análise funcional da linguagem usada, a *GSF* tentará descobrir “as razões pelas quais um falante produz um determinado tipo de palavreado ao invés de outro dentro de um contexto particular”²⁷ (Thompson, 2004, p. 9). O termo *palavreado* é utilizado na abordagem sistêmico-funcional para se referir aos aspectos gerais dos significados expressos pelas palavras nas sentenças, e não ao sentido que as palavras escolhidas possam ter individualmente. Isso significa, por exemplo, que uma estrutura formada por palavras pode apresentar significados diferentes caso ela seja usada no início ou no fim de uma sentença. Portanto, o significado geral acaba sendo “mais do que a soma das palavras individuais” (Thompson, 2004, p. 29).

Na *GSF*, a estrutura sintagmática responsável pela ordenação dos padrões e regularidades da linguagem, e, que, portanto, estabelece as regras de combinação entre os elementos da estrutura, é explicada dentro de uma perspectiva sistemática e funcional-semântica, na qual as escolhas paradigmáticas possibilitam entradas em sistemas que irão contribuir para a formação da estrutura linguística e que

²⁶ “(...) the functional organization of its structure; and we show what meaningful choices have been made (...)” (Halliday e Matthiessen, 2004)

²⁷ “(...) the reasons why the speaker produces a particular wording rather any other in a particular context.” (Thompson, 2004, p. 9)

apresentarão uma função e significado dentro dessa estrutura (Halliday e Matthiessen, 2004). Portanto, cada movimento realizado dentro dessa rede de sistemas de escolhas semânticas no conduz a uma nova rede de escolhas, e assim por diante.

O foco principal da *GSF* está na tentativa de descrição e entendimento das escolhas realizadas dentro dos sistemas gramaticais, porém considerando “os fatores contextuais mais amplos que são construídos através dessas escolhas”²⁸ (Thompson, 2004, p. 10). Vê-se, assim, que texto e contexto são interdependentes, pois os falantes farão suas escolhas linguísticas considerando o contexto em que se encontram, fazendo opções mais (ou menos) adequadas a esses contextos. Seus textos, portanto, terão esses contextos presentes nas suas escolhas gramaticais. A *GSF* tentará descrever qual função a linguagem apresenta nos contextos em que é usada e de que maneira esses contextos afetam as escolhas dos falantes.

Uma metodologia de análise para imagens a partir de uma visão sociosemiótica

Vimos que a elaboração teórica discutida na *LSF* levou ao desenvolvimento da *GSF* como uma metodologia de análise da linguagem verbal escrita e oral, não abrangendo diretamente outros modos comunicacionais. As elaborações, no entanto, serviram de suporte para o desenvolvimento de uma metodologia de análise de imagens: a **Gramática do Design Visual** - ou *GDV* daqui em diante - a ser discutida mais à frente (cf. p.61).

A combinação da formação acadêmica e interesses de pesquisa de Kress, e de Van Leeuwen²⁹ parecem ter favorecido a elaboração da *GDV*.

A *GDV* tem o foco na análise principalmente de imagens estáticas como fotografias e desenhos. Seus pressupostos metodológicos têm servido de ponto de partida para a elaboração de metodologias de análise de imagens em movimento (Norris, 2004) e de investigações voltadas para outros modos comunicacionais como música (van Leeuwen, 2009), entre outros.

²⁸ “(...) wider contextual factors that are construed by these choices.” (Thompson, 2004, p. 10)

²⁹ Nota: Kress e van Leeuwen são linguistas e semióticos. Kress tem forte formação com base na sociosemiótica hallidiana e na *LSF*, tendo sido integrante do grupo de sistemicistas na Austrália. Van Leeuwen tem grande influência de estudos sobre filmes e comunicação visual e adota a sociosemiótica como base para suas investigações.

A *GSF* e a *GDV* são metodologias analíticas cujos pilares estão na sociossemiótica. Ambas abordam a produção do significado como uma construção social vinculada ao contexto situacional e cultural, sugerindo investigações sobre a organização tanto semântica quanto funcional dos textos. A *GSF* investiga os textos produzidos na linguagem verbal escrita e falada, enquanto a *GDV* se propõe a investigar os textos produzidos em imagens.

A sociossemiótica pode ser considerada, assim, uma plataforma fundamental para os estudos multimodais, portanto, para a presente pesquisa sobre imagens em movimento.

3.2

A sociossemiótica e o engajamento em diferentes práticas sociais

Diversos pesquisadores como Kress (2005, 2010), van Leeuwen (2004, 2005), Iedema (2004), Jewitt e Oyama (2004), Martinec (2005), O'Halloran, (2004), Ravelli (2006), Baldry e Thibault (2006) e Lemke (1989, 1992) ao adotarem a sociossemiótica em pesquisas multimodais destacam que uma característica dessa abordagem é a formulação de perguntas e questões envolvendo os modos acionados numa interação e a relação que estabelecem entre si em um texto. Na visão dos pesquisadores citados, os estudos multimodais parecem oferecer, portanto, uma abertura para um mundo rico e complexo dos sentidos. Dessa forma, a adoção da sociossemiótica nos possibilita intervir socialmente, descobrir novos recursos semióticos e novos modos para a utilização dos recursos já existentes.

Van Leeuwen defende que:

“mais do que descrever os modos semióticos como se tivessem características e sistematicidades intrínsecas ou *leis* [...] a sociossemiótica tem seu foco no modo como os indivíduos regulam o uso de recursos semióticos – novamente, em contexto de instituições e práticas sociais específicos, e em diferentes modos e diferentes graus.”³⁰ (van Leeuwen, 2005, p.xi)

³⁰ “Rather than describing semiotic modes- [...] as though they have intrinsic characteristics and inherent systematicities or *laws*, social semiotics focuses on how people regulate the use of semiotic resources - again, in the context of specific social practices and institutions, and in different ways and to different degrees.”(van Leeuwen, 2005, p.xi)

Adotar uma perspectiva sociosemiótica de investigação é ampliar os estudos da linguagem verbal e dos diferentes modos comunicacionais, adentrando outros domínios. De acordo com Thompson (2004), a perspectiva linguística adotada na *GSF*, por exemplo, precisou se aproximar da sociologia para propor:

“um estudo sistemático dos aspectos relevantes na cultura e na sociedade que formam o contexto no qual a linguagem é usada, e que ao mesmo tempo constroem o modo como a linguagem é utilizada.”³¹ (Thompson, 2004, p. 10)

De acordo com os estudos de van Leeuwen (2005), Kress (2000, 2005, 2009, 2010) e Norris (2004, 2009) a adoção da sociosemiótica implica tanto na apreensão dos conceitos propostos por ela, sociosemiótica, como também de outras áreas do conhecimento. Isso ocorre porque a sociosemiótica não se constitui em um campo de estudos teóricos inserido em si próprio, a ser colocado em prática. Seus conceitos dependem de teorias e práticas de outros campos de investigação e conhecimento. Ela, portanto, precisa ser interdisciplinar e estar engajada em primeiro lugar no campo das ciências sociais, para que assim seu aspecto social seja ressaltado.

Diversas áreas do conhecimento e de estudos que possuem suas próprias teorias como a antropologia (Goodwin, 2006) e a psicologia (Ainsworth, 2008 in Kress, 2009), por exemplo, podem apresentar diversas questões que envolvem os estudos multimodais. A multimodalidade, portanto, parece ser moldada em parte por essas disciplinas e pelas questões que surgem, podendo utilizar os aportes teóricos e metodológicos das diversas áreas de pesquisa para investigar questões multimodais.

Como o objetivo mais amplo da presente investigação é identificar e relacionar os significados presentes nas imagens em movimento selecionadas, a adoção de tal perspectiva implica no *engajamento* por parte do pesquisador. O termo *engajamento* é sugerido por van Leeuwen (2005), Kress (2005) e Norris (2004) ao considerarem que o pesquisador ao realizar investigações multimodais acaba por se *engajar* em teorias e práticas sociais que envolvem a linguística, arte, design, comunicação social e cinema, por exemplo.

³¹ “(...) the systematic study of relevant features in the culture and society that form the context in which language is used, and which are at the same time constructed by way in which language is used.” (Thompson, 2004, p. 10)

Na presente investigação, estarei comparando e contrastando modos semióticos diferentes. Abordar questões sobre a linguagem verbal e não verbal, ou seja, sobre os diferentes modos semióticos presentes nas imagens em movimento é nas palavras de van Leeuwen (2005, p.xi) explorar “tanto aquilo que têm em comum como aquilo em que diferem, investigando de que modo podem se integrar em eventos e artefatos multimodais”³².

3.3

A sociossemiótica como norteadora dos estudos multimodais

A perspectiva sociossemiótica considera que os indivíduos utilizam diferentes **recursos semióticos** tanto para “produzir artefatos e eventos comunicativos quanto para interpretá-los [...] em um contexto de situações e práticas sociais”³³ (van Leeuwen, 2005, p. xi). Sendo assim, tanto a produção quanto a interpretação se dão de modo semiótico em contextos sociais.

Van Leeuwen argumenta que mais do que objetivar dar conta dos diferentes modos semióticos de fazer significado como, por exemplo, a escrita e a imagem, a multimodalidade com abordagem sociossemiótica tem por interesse o contraste desses diferentes modos, explorando-os e comparando-os em suas semelhanças e diferenças, investigando a maneira como se integram e, principalmente, como os indivíduos regulam o uso dos diversos recursos semióticos nas diversas práticas sociais em que se engajam.

Kress (2000, 2001, 2005, 2010) adota a sociossemiótica proposta por Halliday, em seus estudos sobre a multimodalidade e, em consonância com van Leeuwen (2005) e outros pesquisadores (Jewitt, 2009; Unsworth, 2000; Norris, 2004), articula que a questão do significado adotada nos estudos de linguagem escrita e falada se mantém nos estudos multimodais. Os pesquisadores acima citados ressaltam a necessidade de se compreender como o significado é produzido e interpretado nos diferentes modos utilizados para a comunicação.

³² “(...) what they have in common as how they differ, and investigating how they can be integrated in multimodal artefacts and events.” (van Leeuwen, 2005, p. xi)

³³ “(...) produce communicative artefacts and events and to interpret them [...] in the context of specific social situations and practices.” (van Leeuwen, 2005, p. xi)

Kress (2005:37) defende que o significado é “resultado do trabalho semiótico”³⁴. Esse resultado pode vir tanto do modo como o signo se articula no mundo exterior quanto da interpretação que ele possa ter. A escrita seria um trabalho de articulação dos signos da linguagem enquanto a leitura seria um trabalho de interpretação desses signos.

A construção do significado na linguagem se faria então de duas formas: na decodificação do signo e na decodificação de vários signos simultaneamente. Isso significaria dizer, por exemplo, que o leitor de um texto precisa decodificar tanto o significado da palavra isoladamente no texto quanto o seu sentido numa sentença, quando outras palavras estão presentes e juntas adquirem um significado mais amplo (Kress, 2005).

3.3.1

Aptidão e motivação para a elaboração do significado

A questão do significado – sua produção, interpretação, reinterpretação e reelaboração pela sociedade – é central na multimodalidade.

Kress (2005:42) considera que a forma do significado tanto material quanto arbitrariamente “é escolhida devido sua *aptidão* para expressar aquilo que é para ser expresso”³⁵. Seu argumento em seus estudos se sustenta nessa relação que a forma do significante oferece como sendo a mais propícia para que o significado possa ser manifesto (Kress, 2005).

Desta forma, Kress (2005) defende o modelo icônico do signo formulado por Peirce (1931, in Chandler, 2006)³⁶ por acreditar ser esse o modelo que melhor pode representar as relações que os signos mantêm com os seus referentes.

Dentro dessa perspectiva, portanto, a motivação do signo depende daquele que o faz, ou seja, do produtor. Na tentativa de dar uma forma ao significado pretendido, o produtor considera aquilo que pretende representar. A forma que o produtor dará à sua representação será a expressão do significado que lhe motivou a elaborar tal significado. Esse significado não será arbitrário, mas *motivado*. Sua

³⁴ “(...) the result of the semiotic work.” (Kress, 2005, p.37)

³⁵ “(...) is chosen because of its *aptness* for expressing that which is to be signified.” (Kress, 2005, p.42)

³⁶ Nota da autora: não abordarei nesse trabalho as concepções de signo elaboradas por Saussure e Peirce mesmo considerando que a multimodalidade parte dos conceitos levantados pelos dois pesquisadores sobre o signo.

realização se dará através da *analogia*, ou *princípios de conexão*, como sugere Kress (2005). O *princípio de conexão*, portanto, será o princípio responsável pela motivação do signo.

A interpretação do signo, por outro lado, levará em conta o conhecimento de mundo do observador, numa complexa articulação de sua formação, de seu meio social e de sua concepção de mundo e não necessariamente da motivação do produtor.

Nessa articulação do conceito de signo a representação é sempre **engajada** (Kress 2005), nunca neutra. Isso se deve ao fato de que há sempre algum tipo de posição, de perspectiva e de valor moral na elaboração de um signo. Esses signos, portanto, não podem ser dissociados do contexto social no qual ocorrem, como também não podem existir fora dele (Hodge e Kress, 1988).

3.3.2

Recurso

Como já visto nesse capítulo, essa perspectiva nos permite considerar a linguagem verbal como sendo um **recurso** para fazer significado (Halliday 1994; Halliday e Matthiessen, 2004; Kress, 2005; van Leeuwen, 2005) e não simplesmente uma série de signos a serem decifrados, ou uma série de códigos e regras para a produção de sentenças corretas.

Os indivíduos recorrem a esses recursos disponíveis nos diversos sistemas para se comunicarem. Van Leeuwen (2005) salienta que esses recursos não estão restritos à linguagem falada ou escrita, mas a tudo que fazemos não importando a maneira como o fazemos.

Halliday se refere à linguagem como um dos recursos disponíveis para fazer significado dentro dos diversos “sistemas sociais de significado que constituem a cultura humana”³⁷ (Halliday e Hasan, 1989, p. 4). Sua propriedade fundamental reside na função que exerce no sistema semântico (Halliday e Hasan, 1989) e no uso que os indivíduos fazem desse recurso na sociedade.

Seguindo a linha proposta pelos estudos de hallidianos, van Leeuwen (2005) destaca que recursos são ferramentas que os indivíduos utilizam para a produção

³⁷ “(...) a number of systems of meaning that constitute human culture.” (Halliday & Hasan, 1989, p.4)

dos significados. Essas ferramentas são criadas pelos indivíduos de acordo com suas necessidades nas diferentes práticas de acordo com cada contexto. Tal conceito tem suas raízes na filosofia sociocultural de Vygotsky (1994) que tem como princípio a ação do sujeito mediada por uma ferramenta destinada a um objetivo³⁸. A linguagem verbal, portanto, seria um recurso ou uma ferramenta de comunicação que serve de mediadora entre a ação do sujeito de maneira a lhe permitir alcançar seu objetivo comunicacional dentro de um determinado contexto social. Tais princípios são compartilhados por Norris (2004, 2009) na sua elaboração da *análise multimodal interacional* adotada na pesquisa, a ser discutida mais adiante (cf. capítulo quatro. p. 80-87, 99-112).

Os recursos semióticos diferem em cada grupo social, são moldados, selecionados e transformados pela sociedade durante a história e apresentam diferentes potenciais de representação para cada grupo em cada contexto de uso (Kress, 2009).

3.3.3

O princípio da integração na multimodalidade

Os recursos semióticos abrangem dois conceitos: **uso** e **função**. Esses conceitos remetem a um dos princípios considerados fundamentais para os estudos multimodais: o da **integração** de recursos (Baldry e Thibault, 2006).

Como já discutido anteriormente nesse capítulo (cf. p. 48-53), Halliday (1985, 1994) e Halliday e Matthiessen (2004) argumentam que usamos a linguagem para realizar coisas, ou seja, que ela tem uma função assim como todo recurso existente.

Essa linguagem apresenta um sistema de formas as quais podemos utilizar com o propósito de fazermos o que precisamos e desejamos fazer. Isso significa

³⁸ Nota: A presente pesquisa se apoia em conceitos de Vygotsky (1994), sem, no entanto, se apoiar totalmente em sua teoria, que ofereceu suporte para o desenvolvimento da Teoria da Atividade. Dado o objetivo do trabalho, não discutirei mais profundamente seus conceitos, porém, considero importante salientar que Vygotsky argumenta que o homem necessita da comunicação para promover seu trabalho, ou seja, sua atividade, e, portanto, considera a linguagem como sendo esse veículo de comunicação e apropriação do conhecimento que o indivíduo utiliza para alcançar seu objetivo. Essa construção do conhecimento é uma ação compartilhada. A ação é realizada em cooperação. As capacidades individuais são ampliadas através da troca mútua entre os indivíduos, desenvolvidas durante a interação na natureza e no meio sociocultural nos quais os indivíduos interagem.

que para produzirmos e expressarmos significado no mundo e sobre o mundo fazemos uso desse sistema abstrato: a linguagem. Os indivíduos constroem, definem e salientam os recursos a serem utilizados estabelecendo como, onde, por que e com quem utilizá-los nos diferentes contextos nos quais atuam.

O **princípio de integração** do recurso semiótico irá considerar esses contextos no quais diferentes modos semióticos são realizados, salientados e definidos. Baldry e Thibault (2006) argumentam que dentro desse princípio não há como se pensar na interação entre indivíduos de forma monomodal, pois os sistemas agem de forma integrada e mais de um sistema semiótico é acionado durante a comunicação. Um sistema possui suas próprias regras, construções sociais e seus próprios princípios, podendo ser pensado e estudado individualmente. Porém, cada texto produzido dentro e para um contexto social apresentará sistemas de comunicação integrados. Princípios que não os próprios de cada sistema surgem para que esses sistemas se integrem e se comprimam num texto multimodal.

Através do **princípio de integração de recursos**, portanto, o texto multimodal irá se relacionar com os diversos sistemas de recursos de significados disponibilizados no texto e com os diferentes níveis de organização de cada sistema.

3.4

A mudança de olhar

3.4.1

Linguagem verbal como parâmetro

Halliday (1996, p. 389) argumenta que os indivíduos adultos “desenvolvem numerosos sistemas semióticos não linguísticos”³⁹ como as artes, por exemplo. Na perspectiva do pesquisador, quando esses sistemas são elaborados os indivíduos já possuem uma gramática desenvolvida na linguagem que utilizam. A gramática aqui é entendida como uma “construção semiótica abstrata que emerge

³⁹“(...) develop numerous non-linguistic semiotic systems.” (Halliday, 1996, p. 389)

entre o conteúdo e os níveis expressão do sistema semiótico”⁴⁰ (Halliday, 1996, p. 389). Para Halliday, esses sistemas semióticos não linguísticos “não possuem sua própria gramática e são parasitários”⁴¹ da linguagem, sendo filtrados pela linguagem. Pode-se depreender, portanto, que nessa visão, a linguagem verbal parece se apresentar como central, servindo de referência aos estudos de outros modos semióticos.

Em estudos multimodais nos quais a linguagem ocupa uma posição centralizada, a investigação é conduzida de maneira a comparar estruturas e padrões organizacionais internos. A investigação é levada a identificar diferenças e semelhanças entre a linguagem verbal e os outros modos.

Em outros estudos, a linguagem **verbal** é muitas vezes contraposta à linguagem **não verbal**, como por exemplo, nos estudos sobre comunicação e fricção intercultural (Ting-Toommey, 1999; Hall, 1989, 1990; Gudykunst e Yun Kim, 1997; Matsumoto e Kudoh, 1993). Polarizam-se de um lado as mensagens que envolvem atos linguísticos, portanto verbais, e de outro as que envolvem atos não linguísticos, ou seja, não verbais. Esses atos não verbais são utilizados consciente ou inconscientemente para sinalizar significados durante uma interação. Portanto, a comparação entre atos não verbais se dá geralmente em contraposição ao modo verbal.

3.4.2

GDV - Uma proposta a partir de uma perspectiva sociosemiótica

Mencionei anteriormente nesse capítulo (cf. p. 53-54) que a elaboração da *Gramática do Design Visual* por Kress e van Leeuwen (1996) como uma metodologia de análise para imagens visuais se deu através da sociosemiótica hallidiana que dá suporte aos aportes teóricos linguísticos oferecidos pela *LSF*, proposta por Halliday (1978, 1985, 1994) (cf. p. 46-53).

Na *Gramática do Design Visual*, Kress e van Leeuwen evitam se concentrar na elaboração de uma análise baseada em diferenças e semelhanças, argumentando inclusive que cada modo tem sua própria gramática, sintaxe e

⁴⁰ “(...) entirely abstract semiotic construct that emerges between the content and the expression levels of...the semiotic system.” (Halliday, 1996, p. 389)

⁴¹ “(...) have no grammar of their own, but they are parasitic on natural language.” (Halliday, 1996, p. 389)

organização. Porém, eles partem de uma teoria linguística e, de certa maneira, a linguagem verbal parece ganhar certo destaque nos estudos multimodais que propõem.

As investigações que visam estudar outros modos semióticos e têm a linguagem verbal escrita e falada como ponto central podem acabar por procurar padrões e recursos que não estão disponíveis nesses modos, e assim, deixar de perceber as peculiaridades disponíveis em cada recurso para a produção do significado. No entanto, Kress e van Leeuwen, mesmo partindo dos conceitos propostos por Halliday para o estudo da linguagem, não deixaram de perceber as relações semióticas presentes nas imagens.

Duas dentre as contribuições da *GDV* são: **a.** o oferecimento de uma metodologia de análise de imagens visuais (cf. capítulo quatro, p. 83-85), até então disponíveis geralmente em áreas específicas de estudos sobre arte e design, por exemplo, e **b.** o estímulo para a condução de diversas pesquisas sobre imagens, abrindo caminho para investigações de outros modos.

3.4.3

O foco dos estudos multimodais através da despolarização e descentralização da linguagem verbal

Atualmente, a multimodalidade parece assumir uma perspectiva de despolarizar e descentralizar os modos semióticos produzidos e utilizados pela sociedade e na sociedade.

A linguagem verbal deixa de ser o ponto de referência ao qual se contrapõem ou se relacionam os outros modos comunicacionais. A escrita e a fala, assim como qualquer outro modo comunicacional, passam a ser mais um conjunto de recursos semióticos que os indivíduos produzem, utilizam, interpretam, reinterpretem e reproduzem na sociedade para comunicarem as situações, as relações e os eventos específicos nos quais estão inseridos.

Essa posição adotada pela abordagem multimodal atualmente (Kress, 2009, 2010; Jewitt, 2005, 2009; Norris, 2004) possibilita focar qualquer modo ou recurso semiótico produzido ou escolhido por um indivíduo como uma maneira possível de dar forma ao significado e, portanto, à comunicação.

3.5

Modo

Adotar a multimodalidade como perspectiva de investigação implica compreender um conceito fundamental: o **Modo**.

Como mencionado anteriormente, a concentração de estudos centrados na linguagem verbal, juntamente com a tentativa de se entender outros modos semióticos com base nos estudos linguísticos, pode conduzir o pesquisador a comparar os significados produzidos em outros modos com base nos significados produzidos na linguagem verbal. Esse posicionamento leva à adoção de conceitos e nomenclaturas próprias da linguística para a análise e compreensão dos significados em outros modos semióticos.

Ao deixar de associar significados ou procurar semelhanças e diferenças entre os modos com enfoque nos estudos linguísticos, passa-se a olhar cada modo em relação à suas próprias propriedades e possibilidades de produção de significados no contexto social, situacional e cultural no qual é acionado para a comunicação.

As pesquisas multimodais atualmente parecem tentar se afastar do termo *linguagem*, frequentemente direcionados aos estudos linguísticos, para adotarem o termo *modo*, que talvez atenda mais aos estudos dos diferentes recursos semióticos que esses estudos se propõem a realizar.

Kress (2010, p.79) define o *modo* como sendo “estruturado pela sociedade, em cada cultura a qual disponibiliza um dado recurso semiótico para a produção de significado.”⁴²

Norris (2004) esclarece que *modo* e *modo comunicacional* são termos intercambiáveis, porém a pesquisadora usa o segundo para realçar o aspecto comunicativo do modo.

Norris se apoia nas elaborações de Kress e van Leeuwen (2001) sobre *modo* e argumenta que “um sistema de representação, ou modo comunicacional, é um

⁴² “*Mode* is a socially shaped and culturally given semiotic resource for making meaning.” (Kress, 2010, p. 79)

sistema semiótico com regras e regularidades anexadas a ele”⁴³ (Norris, 2004, p. 11), sendo o modo uma unidade heurística.

Esses enfoques permitem considerar que cada modo apresentará suas limitações e seus potenciais de significado (Gibson, 1986, in Kress 2010).

3.5.1

O potencial de significado do modo

Nos estudos multimodais, cada modo comunicacional é tratado como apresentando potenciais para realizar o significado na sociedade.

O potencial de significado da linguagem verbal dentro de uma visão hallidiana, por exemplo, está organizado “em torno de redes relativamente independentes de escolhas e tais redes correspondem a certas funções básicas da linguagem” (Gouveia, 2009, p. 15). Ou seja, o potencial de significado se organizaria através da metafunções (ideacional, interpessoal e textual) discutidas anteriormente nesse capítulo (cf. p. 51).

Kress (2009, 2010) argumenta que nenhum modo oferece os mesmos recursos, porém, todo modo, de maneira geral, tem seu potencial de significado e deve ser capaz de realizar essas três funções básicas comunicativas propostas por Halliday: expressar significados sobre o mundo, sobre as relações sociais estabelecidas na interação, sendo capaz de ser coerente internamente e com o ambiente externo.

A conceituação de potencial de significado em investigações multimodais também recorre aos estudos sobre percepção visual, realizados por Gibson (1986), na área da psicologia. Gibson se refere a *affordance*⁴⁴ como aquilo que é oferecido por um objeto ou pelo ambiente ao organismo que com ele interage. Por exemplo, uma superfície sólida e plana pode ser percebida pelo indivíduo não pelas qualidades ou propriedades que oferece, mas como algo *caminhável*⁴⁵.

⁴³ “A system of representation or mode of communication is a semiotic system with regularities attached to it.” (Norris, 2004, p. 11)

⁴⁴ O termo *affordance*, do inglês, é mantido em diversas pesquisas na língua portuguesa do Brasil. Há pesquisadores que se referem a ele como *propiciamento* (Oliveira e Paiva, 2009).

⁴⁵ Nota: Na teorização de Gibson (1989, p. 138-139) a “*affordance* de algo não muda caso mude a necessidade do observador. O observador pode ou não perceber ou reagir às *affordances*, de acordo com suas necessidades, mas, a *affordance*, sendo invariável, está sempre ali para ser percebida.” (Gibson, 1989, 138-139).

Kress (2009, p. 58) argumenta que o conceito de *affordance* se refere aos “potenciais e limitações” que um material pode oferecer para a elaboração de um modo. O pesquisador parece realçar a aptidão tanto dos materiais quanto de cada modo já constituído para produzir significado e acrescenta que o processo de produção do significado deve considerar também a percepção que os indivíduos terão de cada material ou modo para elaborar o significado desejado.

Norris (2004), em consonância com Kress (2009, 2010) e van Leeuwen (2009), considera que os modos comunicacionais apresentam os mesmos potenciais para a produção do significado. Ou seja, qualquer microação (Norris, 2004; Kress, 2010) pode apresentar um potencial de significado. Pode ser um movimento de cabeça, um piscar de olhos ou uma postura do corpo. Isso não quer dizer, no entanto, que se possa atribuir um significado a cada microação. Deve-se considerar o ambiente, a situação e o contexto cultural para então atribuir-se um significado às ações, e, portanto, ao modo.

Como argumenta Norris:

“uma ação em um modo isolado tem um potencial de significado, porém o significado exato de qualquer ação realizada por um ator social em um modo não pode ser determinado sem que haja uma compreensão do ambiente no qual ela ocorreu.”⁴⁶ (Norris, 2004, p. 52)

Portanto, ao analisar os modos separadamente deve-se ter cautela para não se conferir significado sem considerar o contexto no qual a ação acontece. Como apontei anteriormente (cf. p. 59), os modos geralmente estão conectados uns aos outros e geralmente mais de um é acionado durante uma interação. A distinção entre eles permite uma análise parcial do significado.

3.5.2

Questões a serem tratadas

O conceito apresentado por Kress (2010, 2009) e Norris (2004, 2009) sobre *modo* coloca-os numa direção divergente à de outros pesquisadores da linguagem, como Eco (1979, in Kress 2010), que concebem a linguagem verbal como sendo

⁴⁶ “One action in one mode has a meaning potential, but the actual meaning of any action performed by a social actor in one mode cannot be determined without understanding the environment within which it is located.” (Norris, 2004, p. 52)

um meio completo, sem limitações para a expressão do significado pelos indivíduos.

O entendimento da linguagem verbal, ou modo verbal, como apresentando limites em seus potenciais para a produção do significado nos permite abordá-la de forma a:

- » refletir sobre a sua abrangência em cada sociedade, situação e cultura,
- » investigar que recursos semióticos, princípios organizacionais e de integração são utilizados por ela para a elaboração de textos coesos, coerentes e significativos,
- » ponderar e revelar quais práticas sociais, ideologias e valores parecem ser mais (ou menos) essenciais e salientes em cada grupo social, e
- » identificar como os significados se estabilizam e passam a fazer parte de convenções utilizadas por cada grupo de indivíduos.

As questões expostas acima se aplicam a qualquer modo comunicacional, e nos permitem olhar cada modo no que lhe é peculiar em termos de uso, possibilidades de produção de significado, de organização interna de recursos semióticos e de aplicabilidade para cada contexto social, situacional e cultural.

Kress (2009, p. 58-59) acrescenta que:

“Socialmente, o modo é aquilo que uma comunidade concebe como sendo um modo e o demonstra em sua prática; sendo uma questão da comunidade em relação às suas necessidades de representação.”⁴⁷

Nessa perspectiva, compartilhada por outros pesquisadores (Jewitt, 2005, 2009; Norris, 2004, 2009; Kress e van Leeuwen, 2002; Mavers, 2009; Bezemer e Kress, 2008), fica impossível listar os modos comunicacionais existentes, pois, cada grupo irá conceber, elaborar, produzir e utilizar os modos que necessita para se comunicar, da forma que considera mais apta ao uso e interpretação pelos indivíduos pertencentes a seu grupo.

⁴⁷ “(...) socially, a mode is what a community takes to be a mode and demonstrates that in its practices; it is a matter for a community and its representational needs.” (Kress, in Jewitt, 2009, p. 58-59)

3.5.3

Materialidade do Modo

As duas abordagens que adoto na pesquisa – *análise sociossemiótica multimodal* (cf. capítulo quatro, p. 77-85, 88-99) e *análise multimodal interacional* (cf. capítulo quatro, p.77-85, 99-112) – realçam o argumento de que cada cultura seleciona *materiais* que permitam a elaboração do significado. O som, por exemplo, é considerado um material que através de uma ação social possibilita a elaboração de modos como a fala, a música e a comunicação por tambores, como as realizadas por algumas tribos indígenas.

Kress (2010) dá como exemplo outros materiais como a superfície, o movimento do corpo ou de parte dele, a pedra e a madeira que podem ser selecionados por um determinado grupo social numa determinada cultura ou situação por oferecerem algum potencial de significado para esse grupo.

Exemplificando. A linguagem de sinais utilizada por indivíduos com surdez ou deficiência auditiva oferece a esses indivíduos a possibilidade de usar os recursos do corpo, especialmente das mãos e dos braços, e de expressões faciais para se comunicar (Pimenta, 2010). Os potenciais dos materiais - movimentos do corpo e de face - aliados à necessidade especial desse grupo permitem a elaboração do modo. Esse modo também sofrerá influência do contexto cultural no qual foi elaborado. Portanto, seria necessário perguntarmos de qual linguagem de sinais estamos falando, se é da brasileira, da americana, ou da francesa, por exemplo. Mesmo que seja a brasileira, conhecida como LIBRAS, ela também apresentará diferenças na sua elaboração, organização e uso de recursos. Mesmo que a materialidade seja a mesma, o modo - linguagem de sinais - será afetado pelo uso que os indivíduos de cada grupo social em diferentes contextos fazem durante uma interação.

3.5.4

Linguagem ou Modo

A perspectiva sistêmico-funcional considera a linguagem como apresentando dois sistemas semânticos: “o sonoro e o escrito” (Halliday e Matthiessen, 2004, p. 7). Para Kress, o som não é um *sistema*, mas o “elemento material”⁴⁸ (Kress, 2009, p.55) presente no *modo oral* da linguagem, assim como em outros modos como a música. Portanto, o pesquisador argumenta que a linguagem humana utiliza o *modo oral*, ou seja, a *fala*, e o *modo escrito*. Kress (2009, 2010) discute que o fato de ambos os modos (escrita e fala) serem estudados dentro de um mesmo “rótulo”, linguagem pode obscurecer o entendimento de cada um como um modo separado. Apesar de estarem relacionados, fala e escrita demonstram possuir potenciais bastante distintos.

Halliday e Matthiessen (2004), no entanto, parecem não diferenciar *modo de sistema*. Na *GSF*, utilizam ambos os termos com o mesmo sentido. Argumentam que uma das razões para a linguagem humana ser considerada um sistema semiótico complexo, por exemplo, é a utilização de dois **sistemas** (cf. Halliday e Matthiessen 2004, p.7) ou **modos** (cf. Halliday e Matthiessen 2004, p.24) alternativos para a expressão do significado: o da fala e o da escrita. Nesse trabalho utilizo *fala* quando me refiro ao modo verbal oral.

O foco na **materialidade** do modo desenvolvida através do uso social é uma das razões para a *abordagem sociossemiótica multimodal* (cf. p.83), adotada na pesquisa, mostrar laços mais brandos com a abordagem sistêmico-funcional na qual há grande ênfase no **sistema** linguístico.

Kress (2009, 2010) argumenta que os modos de representação estão sempre associados à fisiologia do corpo humano, como o som e a audição, a visão e o ato de ver, o tato e a afeição, por exemplo. Isso permite que o significado seja incorporado ao interagir com a fisiologia do corpo humano (Kress, 2009, 2010, Norris, 2004). Esse significado não permanece disponibilizado num sistema abstrato externo ao corpo humano, mas passa a fazer parte do ser humano.

⁴⁸ “material stuff” (Kress, 2009, p. 55)

Nessa perspectiva, os signos produzidos e transformados são incorporados pelo indivíduo, pois o corpo é afetado de alguma forma nessa produção, interpretação e elaboração do significado.

3.5.5

Abordando os diferentes modos

Ao escolhermos um modo que consideramos ser o mais apto para nos comunicarmos em determinado contexto, consideramos os diferentes potenciais para a produção do significado que cada modo oferece.

A seguir abordo alguns aspectos tratados em estudos com abordagem multimodal, como a lógica semiótica dos modos, por exemplo.

3.5.6

A lógica semiótica dos modos

Apesar de modos como imagem, escrita, fala, olhar, imagem em movimento e gesto serem recursos semióticos, eles diferem de cultura para cultura. No entanto, esses mesmos modos podem apresentar certos pontos em comum, independentemente da cultura que os utiliza, como exemplificarei a seguir.

A lógica semiótica de seis modos: fala, imagem, imagem em movimento, gesto, dança e *layout*

A **fala**, por exemplo, apresenta um princípio organizacional fundamental: a *sequência temporal*. Cada som, palavra ou sentença ocorrem em sucessão, um após o outro, no tempo. Kress (2009, 2010) argumenta que tal princípio é comum a todas as culturas. A duração do tempo permite a sustentação de um som ou sons na voz, sendo um recurso utilizado para produzir significado (Halliday e Matthiessen, 2004; Kress, 2009).

Kress (2010) argumenta que a *sequência temporal* de elementos da fala constitui o que chama de **lógica semiótica** (Kress, 2009, p. 56). A lógica semiótica seria, então, um recurso utilizado que oferece potencial para a produção do significado no modo.

A **imagem**, por outro lado, se organiza no *espaço*. Seus elementos são dispostos simultaneamente em uma superfície, e, de tal maneira, que o espaço que ocupam e a distância que apresentam entre si criam significados. A lógica semiótica da imagem seria, portanto, a *espacial*, compartilhada nas diferentes culturas, porém, oferecendo potencial de significado diferente em cada cultura.

A lógica semiótica da fala – *tempo* - e da *imagem* – espaço - são distintas, porém, compartilhadas por diferentes culturas, oferecendo potencial de significado diferentes.

A **imagem em movimento**, que investigo aqui, apresenta lógica semiótica *espacial*, como todas as imagens estáticas (fotografias, ilustrações, desenhos, pintura, etc.), e a lógica semiótica *temporal*, como a fala. Seus princípios organizacionais são comuns nas diferentes culturas, sendo eles: o *tempo* e o *espaço*. Geralmente a sequência de fotogramas ocorre em sucessão. Cada fotograma apresenta um enquadramento e organiza seus elementos no seu espaço delimitado pelo enquadre.

O **gesto** e a **dança** são modos que utilizam também o *tempo* e o *espaço*.

O **gesto** utiliza a *sequência temporal* que os movimentos das mãos, dos braços, da cabeça e da face, por exemplo, necessitam para produzir significado numa interação, e ao mesmo tempo esses movimentos são contidos e “enquadrados no *espaço* através do tronco” ⁴⁹ afirma Kress (2009, p. 56). O mesmo pode-se dizer da **dança** que utiliza a mesma lógica semiótica, porém utilizando todo o corpo para realizar os movimentos.

O **layout** é um modo que utiliza o *espaço* para organizar os elementos. O espaço pode ser tanto uma folha de papel, quanto uma tela de computador ou o espaço físico de uma casa, por exemplo.

Na impossibilidade de listar todos os modos existentes, mostro, no quadro na próxima página (figura 1), esses seis modos discutidos acima e as duas **lógicas semióticas** que apresentam.

⁴⁹ “(...) spatial *frame* of the upper part of the torso” (Kress, 2009, p. 56)

Modo	Lógica semiótica	
	tempo	espaço
Fala	X	
Imagem		X
Imagem em movimento	X	X
Gesto	X	X
Layout		X
Dança	X	X

Figura 1 – Lógica semiótica

A lógica semiótica de *tempo* e *espaço* oferece potenciais de significado distintos. Essa lógica pode estar presente em todas as culturas para os modos discutidos acima, como argumenta Kress (2009, 2010), no entanto os significados produzidos serão específicos para cada cultura.

3.6

Imagens em movimento

O presente estudo analisa imagens em movimento, porém não objetiva teorizar ou aprofundar-se em teorias de cinema ou estudos individuais sobre imagens em movimento como *video clips*, entrevistas gravadas em vídeo, programas televisivos, comerciais para cinema e televisão ou vídeos do *youtube*.

O trabalho parte do ponto de vista que esses tipos de imagem apresentam diferenças entre si, mas, também semelhanças.

Aponto, a seguir, algumas semelhanças que permitem seu estudo dentro de um mesmo termo: imagem em movimento.

As imagens em movimento se distinguem de alguns outros modos pela lógica semiótica de tempo e espaço que apresentam, como mencionado anteriormente. Como sugerido por Gibson (1986, p. 292), a materialidade do modo – superfície – é tratada “através da projeção de sombras”⁵⁰, diferentemente do tratamento com tinta e pigmento dado a imagens *estáticas* como pinturas e desenhos, por exemplo. A superfície também apresentará “informação sobre outras coisas” além da informação contida na própria superfície, numa “estrutura que passa por mudança, perturbação e transformação, não estando congelada no tempo”⁵¹ (Gibson, 1986, p. 292) e sendo mais próxima do que se pode encontrar na natureza.

Na abordagem ecológica discutida por Gibson para a percepção visual, o pesquisador realça que uma imagem *estática* pode sugerir movimento, como as das folhas de uma árvore balançando ao vento. O efeito só será possível se o pintor, por exemplo, puder realizar “a seleção correta da transformação” do que pode ser visto, captado no mundo real e reproduzido numa pintura.

Em imagens em movimento, a câmera se movimenta de maneira análoga aos movimentos do corpo humano.

Como argumenta Gibson (1986, p. 298):

“A razão pela qual ficamos presos ao cinema se deve principalmente ao movimento da câmera e não apenas ao movimento da imagem. Somos observadores, ou até mesmo participantes, do que acontece na situação, estamos nela, somos orientados para ela e podemos adotar pontos de observação dentro do seu espaço.”⁵²

Mesmo que o observador pareça ser um participante ativo na situação mostrada, não é dada a ele oportunidade de intervir no acontecimento. O produtor da imagem em movimento, por outro lado, não pode interferir no movimento realizado pelos olhos do participante. No entanto, ele pode intervir indiretamente

⁵⁰ “(...) throwing shadows by projection...” (Gibson, 1986, p. 292)

⁵¹ “Its structure undergoes change, disturbance, or transformation. It is not frozen in time.” (Gibson, 1986, p. 292)

⁵² “The moving camera, not just the movement in the picture, is the reason for the empathy that grips us in the cinema. We are onlookers in the situation, to be sure, not participants, but we are in it, we are oriented to it, and we can adopt points of observation within its space.” (Gibson, 1986, p. 298)

nos movimentos de cabeça e corpo. Ele o faz através da colocação da câmera de filmar em perspectivas e posições que se assemelham às posições possíveis de serem adotadas pela cabeça e corpo do observador. Para isso, ele posiciona a câmera em diferentes posições e ângulos e faz aproximações.

Marques (2007) argumenta que filmes de ficção ou não ficção só se apresentam em sua forma contínua após a realização de uma série de edições, que selecionam os diversos elementos filmados, organizando-os de maneira a formar um todo coeso.

Há inúmeras discussões sobre imagens em movimento. Porém, para a pesquisa, um ponto a ser destacado é a maneira como as imagens em movimento disponibilizam a informação concedendo ao observador a oportunidade de participar de movimentos corporais, adotar novos pontos de vista, aproximar-se e distanciar-se de situações e personagens sabendo que, no entanto, ele “se encontra parado olhando para uma tela a partir de um determinado ponto em uma sala”⁵³ (Gibson, 1986, p. 302).

3.7

Resumo do capítulo

Nesse capítulo apresentei os pressupostos centrais da pesquisa de maneira a posicioná-la numa perspectiva sociossemiótica de abordagem de significados (Halliday, 1978). A sociossemiótica oferece suporte para os estudos multimodais, e, portanto, para a presente investigação, ao contemplar a multiplicidade de possibilidades de construção do significado na sociedade. Nessa perspectiva, há uma socioconstrução do modo e, portanto, cada grupo social, em cada situação ou cultura, irá elaborar seus significados de acordo com suas necessidades, respeitando os potenciais para a realização do significado oferecido pelos materiais e modos, assim como a materialidade dos recursos disponíveis para elaborar os significados desejados.

Discuti também que a sociossemiótica serve de plataforma para uma elaboração teórica e metodológica da linguagem verbal, a *LSF* e *GSF*, por M. A. K. Halliday (1985, 1994) que influenciaram o desenvolvimento de uma

⁵³ “(...) although one is all the time aware of holding still and looking at a screen from a fixed position in a room.” (Gibson, 1986, p. 302)

metodologia para a análise de imagens (Kress e van Leeuwen, 1996, 2006) e abriram caminho para teorizações e metodologias analíticas voltadas para outros modos além da linguagem verbal (Norris, 2004; Iedema, 2004; Jewitt, 2002, 2005; Lemke, 2006; van Leeuwen, 2009; Kress e van Leuwen, 2002).

Ao ampliar a perspectiva de estudos envolvendo a relação entre os diversos modos presentes em textos, as pesquisas com foco multimodal parecem tentar se afastar dos estudos linguísticos ao procurarem descentralizar e despolarizar as investigações com base na linguagem verbal.

Assumindo que a comunicação ocorre através de mais de um modo, pois o ser humano é multimodal por natureza, diversos pesquisadores como Norris (2004, 2009), van Leeuwen (2005, 2009) e Kress (2009, 2010) adotam o conceito de modo. Esses pesquisadores, entre outros, argumentam que os estudos focados na linguagem verbal se ocupam de modos distintos – escrita e fala - que, no entanto, apresentam semelhanças entre si. Ao serem investigados dentro do mesmo conceito *linguagem*, esses modos podem deixar de ter suas particularidades melhor compreendidas.

Ao discutir a lógica semiótica dos modos (Kress, 2009, 2010), exemplifiquei com modos presentes na pesquisa, são eles: imagem em movimento, fala, imagem, gesto, dança e *layout*.

Os pressupostos apresentados nesse capítulo dão apoio a presente pesquisa, pois tornam possível a análise dos significados construídos pelas imagens em movimento e pelos modos acionados nas interações que apresentam. A análise desses significados pode contribuir para o desenvolvimento no uso de recursos multimodais envolvendo imagens e para a elaboração de um *design* pedagógico voltado para o multiletramento em língua inglesa.

Como existem diversos estudos e metodologias de análise com enfoque multimodal, adoto duas abordagens multimodais para a pesquisa, e as discuto no próximo capítulo.